

» JOSÉ CARLOS VIEIRA

Gilberto Passos Gil Moreira não perdeu a voz suave, com um leve sotaque baiano. Perto de completar 83 anos, encara a velhice com classe e poesia. “Foi a juventude que me trouxe até aqui”, disse ao **Correio**, para anunciar o show da mega-turnê *Tempo Rei*, em 7 de junho, no Mané Garrincha. Sim, será a última grande excursão musical de Gilberto Gil, mas ele revela que se manterá próximo ao público. “Acho que essa coisa do cultivo doméstico da música, com meu violão, com a escuta das gravações, dos discos... Tudo isso vai continuar. É um hábito”, afirmou.

ENTREVISTA / Gilberto Gil

Por que *Tempo Rei*, título de uma de suas canções mais fortes e impactantes, dá nome a essa última turnê?

O tempo tem sido um tema muito recorrente, muito estruturante no meu trabalho. Guia um pouco meu modo de entender a existência no mundo e todas as questões relativas à vida, à morte... À duração das coisas. Enfim, o tempo é um dado importante no meu trabalho. E como essa turnê tem a intenção de ser um final de um ciclo mais intensivo, com excursões longas, viagens e trabalho muito intenso... (Esse título) foi sugestão de alguém. Naverdade, não foi nem uma iniciativa minha dar esse nome à turnê, mas achei interessante e acabei adotando o tema *Tempo Rei*, por causa dessas razões que te elenquei.

Qual a expectativa para o show em Brasília, cidade onde você tem boas lembranças e bons amigos?

Vou fazer um show num estádio grande, o Mané Garrincha. De todos da turnê, é o maior. Isso é um desafio para mim e para toda a montagem do espetáculo, que levou em consideração a questão das dimensões do palco onde vamos nos apresentar. Tenho uma expectativa muito boa. Brasília é conhecida pela tradição de acolhimento a shows, espetáculos em várias dimensões, como ao ar livre, em ginásio ou em teatros. Vamos ver como é que nós e o público nos comportamos (risos).

Você encerra uma trajetória de shows com esse megaspetáculo, *Tempo Rei*, recebendo estádios lotados pelo país. Não dá vontade de continuar?

Vontade até dá (risos), mas tenho que levar em consideração essa questão do tempo, da idade, enfim, do esforço que é, para mim, pessoalmente, e para todos da equipe, que é fazer uma turnê desse tamanho. A minha expectativa é de que, na medida do possível, continue encontrando públicos em situações variadas, mas em escalas mais modestas, não mais nesse porte de excursão.

Tem alguma surpresa para Brasília, nesse show?

Talvez... Acho que sim... Talvez tenha (risos). Temos tido, em vários lugares que apresentamos, uma surpresa. Possivelmente, em Brasília também.

Uma dessas surpresas aconteceu em São Paulo, com Preta Gil cantando com você, o que emocionou o Brasil. Por favor, fale um pouco dessa alegria de ver Preta ao seu lado num momento tão representativo...

Preta é uma menina muito extrovertida, muito aberta, alegre, cheia de energia... E escolheu, logo muito cedo, bem menina ainda, escolheu, por força do ambiente em que vivia, com uma carga de presença musical muito grande... Da tia, dos tios, dos parentes, da madrinha e da casa cheia de música o tempo todo... Ela escolheu a carreira de cantora. Firmou-se. Criou um gosto grande pela diversidade, pelo ecletismo, pela coisa de juntar vários modos de expressão, de canto, de gêneros musicais, e tudo mais. Ela é essa personalidade, muito expressiva. E tem demonstrado nesse momento da doença (Preta está em tratamento nos Estados Unidos contra um câncer), uma grandeza de alma, de modo de compreender a existência, que é exemplar. E tem recebido uma resposta muito grande. É imenso o carinho, o acolhimento que ela vem recebendo no Brasil inteiro, vindo de todas as gerações. São manifestações muito eloquentes o tempo todo na torcida por ela. Isso também vai para a conta dela (risos).

Como ficará sua carreira depois de as luzes do palco se apagarem? O que Gil vai fazer? Vai curtir o sítio no interior do Rio? Escrever canções todo o dia de manhã, como se fossem preces... Continuará lançando discos?

Acho que essa coisa do cultivo doméstico da música, com meu violão, com a escuta das gravações, dos discos... Tudo isso vai continuar. É um hábito. Uma coisa enraizada no meu modo de ser. Vou continuar muito ligado à música, mesmo em casa. E isso vai ensinar para que eu continue promovendo encontros com o público, em escalas menores, como novos discos também. Na medida em que eu continue gostando de compor, coletar canções com as quais eu me dou cotidianamente, vou continuar sendo o que sou, o que tenho sido.

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO CORREIO, **GILBERTO GIL** FALA SOBRE A ÚLTIMA GRANDE TURNÊ **TEMPO REI**, DO SHOW QUE FARÁ EM BRASÍLIA, EM 7 DE JUNHO, E SOBRE A VELHICE. “ELA TEM SEU CAPRICHOS, SEU MODO DE SER. ACHO QUE O **TEMPO REI** SIGNIFICA UMA ADOÇÃO NATURAL DA CONDIÇÃO DO HOMEM VELHO”

“FOI A JUVENTUDE QUE ME TROUXE ATÉ AQUI”

Olhando para trás, qual “Gil”, deste múltiplo artista musical que você é, mais te representou, aquele dos festivais, o da Tropicália, dos Doces Bárbaros, do Kaya N’Gan Daya, entre tantos?

Eu gosto de todos eles (risos). Essa variedade de gostos e abordagens. O fato de eu gostar de muitos gêneros musicais, de gostar da mistura deles, de eu ter uma atenção intensa para com artistas do mundo todo... O apreço especial que tenho pela música negra de todos os lugares, das Américas, da África... Tudo isso é um mosaico da minha personalidade artística.

Por falar em Kaya N’Gan Daya, o seu parceiro na produção do disco foi Tom Capone, uma cria brasiliense. Como foi que vocês se conheceram?

Foi muito interessante. Ele foi um dos produtores mais atentos à qualidade do reggae, tanto na sua versão originária da Jamaica, como pelo seu espalhamento ao redor do mundo. O reggae se tornou um gênero mundial e importante. Naquele momento, para realizar o *Kaya N’Gan Daya*, ele veio com essa carga toda de significado, de experiência, de adesão a esse gênero e fez um trabalho interessantíssimo. Nós fomos para a Jamaica, passamos lá um bom tempo. Gravamos com figuras extraordinárias do mundo do reggae. No Rio também, trabalhamos no estúdio interessante que ele tinha montado. O disco repercutiu muito no mundo inteiro. Foi uma homenagem que teve muito cabimento, com uma receptividade festejada até hoje. Em todos os lugares que vou, no Japão, na Europa, por exemplo, o disco é muito festejado e tem, evidentemente, tudo a ver com o Tom Capone. Ele foi um dos realizadores desse disco, junto comigo.

A música popular brasileira, que você representa, está acabando hoje em dia? A nova música brasileira é filha da MPB ou ela surgiu de outro caminho? A MPB continua forte neste caldeirão musical do país?

Agora mesmo estava almoçando num restaurante (no Rio) e na trilha sonora da música ambiental que tocava ali tinha Rita Lee, Caetano Veloso, os artistas da minha geração, mas tinha também o pessoal de agora, como Anitta, tinha a, b, c... Então, a música comercial, que foi difundida primeiramente por meio dos discos e do rádio, depois da televisão e agora pelos meios eletrônicos mais modernos, redes sociais e tudo mais... Tudo agora é um híbrido mesmo, uma mistura muito grande de tudo. Acho que o rótulo de MPB resiste, se sustenta, porque tudo isso é música popular brasileira.

O que é a velhice para você? Esse “tempo rei”?

Primeiro, de muita gratidão, pelo fato de a vida ter me trazido até aqui. Vou fazer 83 anos de idade, e isso já não é uma idade -limite — nós temos estendido essa longevidade (risos) — mas é uma idade considerável e tem as implicações naturais do modo de como as energias são processadas. A velhice tem seu capricho, seu modo de ser. Acho que o tempo rei, significa, pessoalmente, uma adoção natural da condição do homem velho, do ancião, e do jovem que permanece nele, de tudo isso que me trouxe até aqui (risos). Foi a juventude que me trouxe até aqui. Tenho gratidão.

GILBERTO GIL — TEMPO REI — ÚLTIMA TURNÊ

Data: sábado, 7 de junho de 2025
Abertura dos portões: 17h
Local: Arena Mané Garrincha
Ponto de venda físico: Loja Eventim — Brasília Shopping, SCN Quadra 05, Bloco A, Subsolo 2, Loja Q054

Vendas on-line: www.eventim.com.br/campaign/giltemporei



Confira o vídeo e veja a entrevista completa com Gilberto Gil

Gilberto Gil
Barbora D. Albuquerque